

roça um certo instrumentalismo na análise do político, habitualmente reduzido à questão de saber porque é que o Estado serve os interesses da classe capitalista e à resposta de que assim é porque é controlado por ela. Nesta perspectiva, não sendo o Estado a *concretização* da sociedade, não se estranha o recurso a uma certa leitura «autonomista» do processo social em que o Estado deverá justificar a sua materialidade noutra campo, que não o das relações sociais antagónicas.

Na mesa redonda que encerraria estas Jornadas, António Reis trataria, em termos gerais, da cultura, à qual mesmo a estratégia económica deve estar subordinada e não está, donde seja, no pior sentido, entendida como objecto residual. Miriam Halpern Pereira procuraria elaborar um «ensaio histórico» de algumas manifestações culturais posteriores ao 25 de Abril, com destaque para as Campanhas de Dinamização Cultural e de Alfabetização. Jacinto Rodrigues destacou o fenómeno cultural numa reflectida retrospectiva histórica do marxismo e, finalmente, Boaventura de Sousa Santos privilegiou o tratamento da diade cultura popular/cultura de massas, questionando sobre o papel, conflituoso em si, do intelectual numa estratégia cultural anti-capitalista, credora de um «esforço organizado de resistência colectiva» e o único capaz de rejeitar a reprodução «quase natural» da ideologia burguesa.

Carlos Fortuna
José Reis
Pedro Hespanha

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O MOVIMENTO DOS NÃO-ALINHADOS

Promovido pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, em colaboração com o Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC), decorreu em 18 e 19 de Janeiro último, naquela Faculdade, um seminário sobre «O Não Alinhamento — Relações Internacionais e o Movimento dos Não-Alinhados».

Orientado por Luís Moita e com cerca de centena e meia de participantes, ali se debateram as fases do desenvolvimento histórico e o conteúdo das posições do Movimento dos Países Não Alinhados, em redor das grandes questões políticas, económicas e culturais.

O debate sobre problemas *políticos* como a recusa da divisão do mundo em blocos, a guerra fria, a paz e o desarmamento, questões *económicas* como as trocas comerciais, a transferência tecnológica ou o auxílio ao desenvolvimento e os aspectos *culturais* como a busca da identidade contra a colonização cultural, enriqueceram a cronologia do Movimento dos Não Alinhados, apresentada pelo orientador e já por si bastante exaustiva.

Na sua sequência histórica, foram apresentados os pontos-chave das diversas Cimeiras, como o surto independentista e a guerra fria (Belgrado — 1961 e Cairo — 1964), a crise do Movimento (Lusaka — 1970), a sua radicalização (Argel — 1973 e Colombo — 1976) e as recentes recolocações geo-estratégicas (Havana — 1979).

Ao longo das sessões do seminário, pôr-se-ia em evidência a forma como o Movimento dos Não Alinhados, a par do crescente aumento de Estados aderentes, não deixou de radicalizar as suas opções, pondo o acento tónico não só na «necessidade da luta contra todas as formas de agressão e opressão coloniais», mas ainda no ataque aos mecanismos económicos, comerciais e financeiros que mantêm os países do Terceiro Mundo na dependência das potências industriais. O desenvolvimento desta ideia apela à praticabilidade de uma estratégia de desenvolvimento autocentrado, capaz de romper os elos da dominação imperialista, o que, por ser uma questão *política* mais do que de políticas, supõe uma análise da natureza de classe dos países dependentes. Só aí se compreenderá a natureza e a possibilidade reais dessa estratégia.

Estou inclinado a pensar este como um ponto insuficientemente elaborado no decorrer do seminário, mesmo quando não era esse o seu objectivo, acabando por justificar interpelações recorrentes sobre a natureza das estratégias teóricas e políticas, implícita ou explicitamente, implicadas no Movimento dos Países Não Alinhados. Na verdade, as ambiguidades do «nã-alinhamento», as dificuldades da «neutralidade positiva» e os reverses do «nacionalismo» (novo ou velho), mas também a derrota do colonialismo, o recuo do imperialismo e o tactear da nova ordem económica internacional, fazem ancorar na luta de classes tanto os seus sucessos como as suas desventuras.

Carlos Fortuna